

GLAUCOMA E MOTIVAÇÃO: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA PARA DISCENTES COM BAIXA VISÃO

Luiz Henrique Coelho de Siqueira Teixeira ¹
Rayanne Maria Pereira Barreto ²
José Eduardo Cavalcanti ³
Cilene Rejane Ramos Alves ⁴

INTRODUÇÃO

O glaucoma é uma neuropatia óptica decorrente da degeneração das células ganglionares retinianas que possuem conexões com a retina e o nervo óptico. A morte dessas células é causada por pressão intraocular elevada, levando às alterações típicas da doença, o que pode ter como consequência as diversas perdas visuais (ABE, 2018). Esse ônus (GUIMARÃES, 2015) envolve uma alteração no campo visual (CV), que costuma ser periférica nas fases iniciais, mas pode vir a comprometer a visão central do sujeito. Ainda, de acordo com Kara *et al.* (2016), outra mudança importante ocasionada pelo glaucoma seria na sensibilidade ao contraste, função cotidiana que permite reconhecer pequenas diferenças na luminância e diferenciar dois objetos um do outro ou do fundo.

Na literatura científica, percebe-se que o glaucoma está diretamente ligado com a baixa visão, categoria dentro da deficiência visual (BRASIL, 2006), aparecendo muitas vezes como causa. Sendo assim, esta pode ser considerada uma alteração da capacidade funcional da visão, que ocorre por diversos aspectos isolados ou associados, podendo interferir ou limitar o desempenho visual (BRASIL, 2006). Nesse recorte supracitado, foi observado em alguns estudos que o glaucoma foi um dos seus principais causadores, até mesmo o de maior prevalência, possuindo percentuais consideráveis, desde 14% até 62% das amostras (COUTO JÚNIOR; OLIVEIRA, 2016; PETERS *et al.*, 2015; SILVA; MATOS; LIMA, 2010).

Entretanto, para além de lidar com manifestações visuais do glaucoma ou outras doenças, esses sujeitos com baixa visão podem enfrentar situações inúmeras por serem Pessoas com Deficiência (PcD). Isso porque, assim como visto em Sasaki (2009), existem

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, luizhenrique.coelho.ufpe@outlook.com;

² Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, barretoyar29@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, eduardocavalcanti33@hotmail.com;

⁴ Professora orientadora: doutora em Neurociências e Comportamento (USP/SP), professora associada 1 da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, cilene.alves@ufpe.br.

barreiras que perpassam os diversos âmbitos da vida das PcD. Desse modo, conforme o autor (ibidem), para promover a inclusão, seria preciso romper com tais barreiras promovendo a acessibilidade em seis dimensões, as quais são:

"[...] arquitetônica (sem barreiras físicas), comunicacional (sem barreiras na comunicação entre pessoas), metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação etc.), instrumental (sem barreiras, instrumentos, ferramentas, utensílios etc.), programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência)." (SASSAKI, 2009, p. 1).

O presente trabalho trata-se de uma intervenção psicológica na perspectiva da Educação Inclusiva, sob a lógica de uma acessibilidade programática, tendo em vista que a inclusão na educação é lei e é direito de todo cidadão (BRASIL, 2015). Dessa forma, através de outras dimensões, como comunicacional, metodológicas e atitudinal, temos o intuito de auxiliar discentes com baixa visão ocasionada pelo glaucoma a lidar com as adversidades enfrentadas em seu processo de ensino-aprendizagem. Nesse caso, seria tanto no âmbito psicológico quanto tecnológico, possibilitando a construção de sua autonomia acadêmica.

A fundamentação teórico-metodológica se pauta na teoria da motivação de Reeve (2019), a qual compreende esse conceito como fundamental para a realização e reprogramação de comportamentos que variam em cada subjetividade e com o decorrer do tempo da atividade. Não obstante, essa motivação envolve: 1) motivos internos, que é algo intrínseco ao indivíduo, capaz de direcionar e energizar um comportamento, dependendo de fatores como necessidades, cognição e emoções; e 2) eventos externos, que são estímulos ambientais também capazes de direcionar e energizar determinado comportamento, por meio de recompensa e punição. Nota-se, com isso, que a intervenção não depende apenas da motivação interna da PcD, chegando à necessidade de inclusão do aspecto motivacional ao longo de toda a intervenção, a fim de evitar desistências e/ou fracassos.

Além disso, para compor a dimensão de acessibilidade metodológica, percebe-se que era necessário a utilização de alguns recursos: as tecnologias assistivas. Isso porque, nos casos de baixa visão, a tecnologia assistiva é essencial, a qual nada mais é do que “qualquer recurso que potencialize o funcionamento visual do indivíduo com baixa visão em suas atividades diárias” (FERRONI; GASPARETTO, 2012, p. 303). Prosseguindo, como resultados, tem-se o foco em aspectos como conscientização (rodas de conversas e *podcasts*), tecnológico por meio da tecnologia assistiva (adesivos e softwares), estratégias motivacionais (criação de meta) e avaliação dos resultados (instrumental e emocional). Após isso, portanto, torna-se

palpável a chegada nos fins esperados, de melhora no processo de ensino-aprendizagem do sujeito e construção de sua autonomia acadêmica.

Com este trabalho, espera-se que seja notada a urgência desse tema, a fim de contribuir com a inclusão das PcD no âmbito educacional. Além disso, ressalta-se o desejo do início prático de tal intervenção após a pandemia a fim de proporcionar, aos poucos, situações mais inclusivas na educação brasileira.

METODOLOGIA

Primeiramente, foi realizado um levantamento não sistemático de textos e artigos acadêmicos dentro de banco de dados virtuais, como SciELO, Google Acadêmico e BVS-Saúde a fim de que fosse possível um aprofundamento teórico-metodológico sobre as especificidades, possibilidades e desafios impostos pelo glaucoma na pessoa com baixa visão, além do estudo sobre emoções e motivação. Após esse primeiro contato com a literatura específica desta área, foi realizada uma reunião sistemática entre os autores deste trabalho visto que um deles possui deficiência visual e é um consultor em audiodescrição.

A partir disso, ocorreu um momento de capacitação interna a fim de que fosse possível entender mais sobre o capacitismo imposto pela sociedade, as barreiras dimensionais mencionadas (SASSAKI, 2009), e como seria possível propor uma intervenção dentro da psicologia a fim de que diminuísse o sofrimento psíquico do aluno/discente PcD que quer estudar, porém tem que enfrentar cotidianamente a barreira computacional principalmente neste momento de pandemia determinada pelo COVID-19. Por fim, foi criado um projeto de intervenção psicológico que seja possível abarcar as especificidades do glaucoma em interação com as barreiras ambientais, o capacitismo, a motivação psicológica em que o sujeito está envolvido e o processo de ensino-aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do exposto no tópico anterior, tem-se como resultado a criação de estratégias que facilitassem a acessibilidade da pessoa com deficiência visual (baixa visão) dentro de alguns parâmetros: conhecimento sobre a doença e sobre o capacitismo; tecnológicos; estratégias motivacionais para o contínuo aprendizado; e testagem de resultados.

É preciso pensarmos em uma estratégia de comunicação com esses discentes que, por vezes, ainda estão dentro de um processo de socialização primária ou secundária (BERGER; LUCKMANN, 2004) que podem não favorecer o debate sobre sua doença e o emaranhado

capacitista em que ele pode estar envolvido. Rodas de conversa e/ou criação de *podcasts* instrutivos são vias possíveis de comunicação. A primeira se baseia em uma estratégia de conversação horizontalizada em que o/a psicólogo/a pode, ao mesmo tempo, explicitar o seu conhecimento sobre o tema em questão, mostrar estratégias de mudança vital para o sujeito e, principalmente, entender o seu possível sofrimento psíquico relacionado a deficiência. Já os *podcasts* se tornam uma ferramenta que está nas possibilidades de acesso de uma PcD com baixa visão e que traz o lúdico como ferramenta de ensino-aprendizagem.

No âmbito tecnológico, tivemos como premissa que o/a discente tem que conseguir realizar os objetivos tidos como básicos, por exemplo: ligar o computador, digitar os seus dados pessoais (como senhas, e-mail, documentos), acessar uma aula de vídeo-chamada online, utilizar o navegador para fazer busca simples, e outros objetivos cotidianos. Para tanto, resolvemos utilizar as tecnologias assistivas (FERRONI; GASPARETTO, 2012). Nesse caso, a primeira modificação proposta é a criação de adesivos com contraste de cor a fim de que aumente o tamanho da letra do teclado e, ao mesmo tempo, crie as condições ambientais de contraste de cor necessárias para um uso funcional do teclado. Essa adição dos adesivos passa por uma conversa com o discente que irá utilizar o instrumento, pois é sabido que para cada pessoa, um contraste de cor é necessário sendo este não-universal. Após isso, utilizar um *software* de edição de imagens e criar círculos, seguindo as medidas proporcionais reais do teclado da PcD, com o símbolo de cada tecla e já implementar o sistema de cores de contraste. Com isso, a impressão destas imagens em um papel adesivo em uma gráfica e a colocação destas novas “teclas” no computador da PcD se tornam os últimos passos.

Além dessa adição física dos adesivos, também se faz necessária a capacitação computacional junto com esse discente e, para isso, o/a profissional de psicologia deve já ter um conhecimento básico neste campo. Ademais, sugerimos a utilização do *software* gratuito *NonVisual Desktop Access* (NVDA) pensando nele como um instrumento de leitura e guia de locomoção da tela do computador/*notebook*. Já em relação à estratégia motivacional/emocional, baseando-se em Reeve (2019), chegamos à criação de uma tabela com trinta dias em que o/a discente irá colar em um local cotidianamente visível. Após isso, ele/a terá a missão de passar trinta dias consecutivos utilizando o computador dentro das recomendações propostas pelo/a profissional de psicologia e ir marcando os dias que conseguiu. Caso perca um dia, ele deve voltar e começar a contagem novamente. No fim, completando as trinta marcações, o sujeito poderá eleger uma recompensa, a sua escolha, para desfrutar da meta atingida tomando-a como um reforço positivo e garantindo que o processo motivacional conseguiu realizar uma mudança em seu comportamento (REEVE, 2019).

Por fim, a testagem dos resultados parte de duas perspectivas: instrumental e emocional. No quesito instrumental, será cronometrado, antes mesmo da alteração tecnológica proposta acima, o tempo inicial em que o/a aluno/a desempenha uma instrução simples de computação, por exemplo: inicie o computador, coloque sua senha, abra o navegador e vá até o site inicial do *Google*. Após essa primeira cronometragem, serão executadas todas as ações de intervenção citadas acima e, após os trinta dias de uso do instrumento por parte do/a discente, será solicitado uma nova execução do comando dado anteriormente e cronometrado o novo tempo, distinguindo, assim, um possível aprimoramento no uso tecnológico contínuo.

Também como método avaliativo, o/a psicólogo/a deverá ter como base os aspectos emocionais do sujeito os quais podem ser expressados através das microexpressões faciais. As experiências subjetivas das emoções estão entrelaçadas com a expressão de microsinais em nosso rosto (EKMAN, 2011) e estes devem ser percebidos pelo/a profissional da área em questão por razões comparativas de começo e fim de processo. Há de se atentar, portanto, se houve uma diferença emocional não-verbal do sujeito a partir da intervenção psicológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da bibliografia consultada e da proposta de intervenção psicológica feita, nota-se a importância deste tema e debate dentro do meio educacional-social, pois tira a passividade da pessoa com deficiência frente ao processo de ensino-aprendizagem e a coloca como sujeito ativo dentro do seu desenvolvimento. Além disso, ressaltamos a urgência da implementação de projetos como este, visto o momento atual de pandemia do COVID-19, o qual impõe novas necessidades tecnológicas para a continuação remota do ensino.

Ademais, também se explicita a intenção de tornar esse projeto de intervenção em uma prática psicológica a partir do cenário acadêmico por parte dos discentes e docentes autores deste trabalho. Entretanto, isso só será possível, assim como a coleta de resultados empíricos, a partir da diminuição da pandemia e um contato com a PcD de forma segura.

Palavras-chave: glaucoma, baixa visão, motivação, intervenção psicológica.

REFERÊNCIAS

ABE, R. Y. **Glaucoma e qualidade de vida = Glaucoma and quality of life**. 2018. 127 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, São Paulo, 2018.

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021
COUTO JÚNIOR, A.; OLIVEIRA, L. A. G. As principais causas de cegueira e baixa visão em escola para deficientes visuais. **Revista Brasileira de Oftalmologia [online]**, v. 75, n. 1, p. 26-29, 2016.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. A interiorização da realidade: socialização primária e socialização secundária. *In*: A construção social da realidade. Petrópolis: **Vozes**, p. 137-188, cap. 3. 2004 (Original: 1966).

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 24 set. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão**. Brasília, 2006. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/alunoscegos.pdf> >. Acesso em: 24 set. 2021.

EKMAN, P. A linguagem das emoções: revolucione sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor. São Paulo: **Lua de Papel**, 2011.

FERRONI, M. C. C.; GASPARETTO, M. E. R. F. Escolares com baixa visão: percepção sobre as dificuldades visuais, opinião sobre as relações com comunidade escolar e o uso de recursos de tecnologia assistiva nas atividades cotidianas. **Revista Brasileira de Educação Especial [online]**., v. 18, n. 2, p. 301-318, 2012.

GUIMARÃES, A. B. C. **Desempenho da leitura em pacientes com glaucoma e acuidade visual de 20/20**. 2015. 99 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, São Paulo, 2015.

KARA, S. *et al.* Repeatability of contrast sensitivity testing in patients with age-related macular degeneration, glaucoma, and cataract. **Arquivos Brasileiros de Oftalmologia [online]**, v. 79, n. 5 p. 323-327, 2016.

PETERS, D. *et al.* Visual impairment and vision-related quality of life in the Early Manifest Glaucoma Trial after 20 years of follow-up. **Acta Ophthalmol**, v. 93, n. 8, p. 745-752, 2015.

REEVE, J. **Motivação e emoção**. 4 ed. Rio de Janeiro: **LTC**, 2019.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, ano XII, mar./abr., p. 10-16. 2009.

SILVA, A. M. T. C. P.; MATOS, M. H. B.; LIMA, H. C. Serviço de visão subnormal do Instituto Brasileiro de Oftalmologia e Prevenção da Cegueira (IBOPC): análise dos pacientes atendidos no 1º ano do departamento (2004). **Arquivos Brasileiros de Oftalmologia [online]**. 2010, v. 73, n. 3, p. 266-270, 2010.